



# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



Guilherme de Azevedo  
*A Alma Nova*



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*A Alma Nova*  
Guilherme de Azevedo

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1874.

Livro Digital nº 394 - 2ª Edição - São Paulo, 2018.

Poesia - Literatura Portuguesa.

**Guilherme Avelino Chaves de Azevedo**  
**(1839-1882)**



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

## ÍNDICE

---

Tendências novas da poesia contemporânea, por Antero de Quental.....	2
Eu poucas vezes canto os casos melancólicos.....	6
Eu vi passar.....	8
Velha farsa.....	9
Graça póstuma.....	10
História simples.....	11
À mesa do festim.....	13
Os sonhos mortos.....	14
Fala a ordem.....	15
Ó lírios da cidade.....	16
Miséria santa.....	16
Astro da rua.....	17
Quando Marta morrer.....	19
As vítimas.....	21
Evocação.....	23
Boas noites, coveiro.....	24
Flor da moda.....	25
Ó máquinas febris.....	26
A Cristo.....	27
Eu tive um sonho estranho.....	29
O grande templo.....	30
A um certo homem.....	32
Á hora do silêncio.....	34
Eu quisera.....	35
O velho cão.....	35
As velhitas.....	37
As visões.....	38
Melancolias de outono!.....	39
O velho mundo.....	40
Eis a velha cidade!.....	41
À noite.....	42
A vala.....	44

Ó vultos ideais.....	46
Eu vejo em tua boca.....	47
Nos campos.....	48
O último D. Juan.....	51
Formosuras do inverno!.....	52
Antigo tema.....	53
A mãe.....	54
Arcanjo vai-te embora.....	56
Santa simplicidade.....	57
O velho Olimpo dorme o bom sono profundo.....	58
Os palhaços.....	59
A hidra.....	61
Os novos leviatãs.....	62
Sua alteza real.....	63
Versos a *.....	63
Ó pobres versos meus.....	64

# A ALMA NOVA



*A Antero de Quental*

*Meu amigo,*

*Este livro parece-me um pouco do nosso tempo. Sorrindo ou combatendo, fala da Humanidade e da Justiça, inspirando-se no mundo que nos rodeia.*

*E porque julgo que ele segue na direção nova dos espíritos, ofereço-o a um obreiro honesto do pensamento: a uma alma lúcida, moderna e generosa.*

*Dezembro de 1873,  
Guilherme de Azevedo.*



## TENDÊNCIAS NOVAS DA POESIA CONTEMPORÂNEA

*A propósito das "Radiações da Noite" do Sr. Guilherme de Azevedo.*

O século XIX, cujos primeiros anos enflorou uma coroa poética de esplendor incomparável, tem mentido cruelmente às esperanças da sua aurora. Envelhecendo, perdeu o dom do canto, ou, pelo menos, o sentimento que faz os cantores verdadeiros. Os Goethe, os Byron, os Lamartine, os Miczkawicz, os Hugo, os Oehlenschläger, não deixaram descendência digna daquela poderosa geração. O romantismo foi um meteoro. O grande canto do século esvaeceu-se gradualmente num murmúrio. A poesia contemporânea não tem unidade, e não tem sobre tudo o largo fôlego de inspiração, que caracteriza as verdadeiras épocas poéticas. O interesse do tempo dirige-se evidentemente para outro lado. No meio das preocupações da atualidade, a poesia é como a canção de um conviva distraído que se afasta da sala do festim, e cuja voz se perde pouco a pouco no silêncio da Distância e da noite.

Depois do aparecimento do romantismo, a sua queda é o maior fato literário, do século. Porém essa queda, que como fato todos reconhecem, mas cuja fenomenalidade poucos tentam explicar, será uma justa sentença lavrada pela razão pública, ou será uma condenação arbitrária que desonra o tribunal que a firma? Indicará para o espírito do nosso tempo um progresso ou uma decadência? uma glória ou um deslustre aos olhos da história?

Não hesito em responder. O romantismo foi justamente condenado. O século, com um sentimento lúcido da sua verdadeira missão, afastou-se daqueles que lhe falavam uma linguagem, cujo brilho, cuja eloquência, cuja sinceridade, por maiores que fossem, não podiam encobrir o falso do princípio, que a inspirava. Essa missão é essencialmente positiva, social e racional, e o romantismo era essencialmente apaixonado, individual e subjetivo. Por mais que se virasse para o futuro, a sua alma pertencia ao passado; enquanto que o século, ainda nos momentos em que parece invocar o passado, é sempre para o futuro que caminha. No fundo, uma sociedade



saída da revolução, e uma poesia que se inspirava das tradições da Idade Média, contradiziam-se, negavam-se radicalmente. Um equívoco histórico pôde por um momento estabelecer aquele infundado acordo: no dia, porém, em que se conheceram, separaram-se.

Ainda há muita gente que *sente, chora, crê, e aspira*, à maneira dos grandes, melancólicos e apaixonados de 1820. Mas já nos não comovem como então, já não influem poderosamente no mundo que os rodeia. São vozes sem eco. É quanto basta para que nada signifiquem, historicamente: tanto mais que aquelas vozes frouxas não tem já o timbre ardente de indomável paixão, que nas outras nos comovia. A paixão destas é mais estudada na escola, do que saída do coração. Não é já como então, um convencimento violento dos direitos da própria loucura, que os inspira: são apenas os livros dos mestres: ora, não é nos bancos apertados da escola, mas no seio da livre natureza, que se criam os verdadeiros poetas.

Os poetas da geração atual veem-se pois, rasgado aquele véu fantástico da *sentimentalidade* de outrora, em face de uma sociedade, que eles não compreendem, porque ela mesma a si se não compreende bem, mas que os não quer escutar senão com a condição de lhe falarem daquilo que a interessa e a preocupa, de se inspirarem da sua vida real e das suas verdadeiras aspirações. É desta situação anormal que resulta a incerteza, a anarquia, a fraqueza da poesia contemporânea. A ideia poética acha-se confusa, embaraçada no meio de fatos sociais, que se não definem claramente: as fontes da inspiração correm escassas ou turvas. A antiga nascente, tão querida e conhecida, está quase seca: a nova, já por ser nova, e depois por que só deixa rebentar, em cachões, uma água túrbida, cheia de elementos estranhos, assusta os que a ela se chegam pela primeira vez; os mais ousados inclinam-se um momento, tomam a medo um gole da bebida suspeita, e retiram-se furtivamente como se acabassem de fazer uma ação má.

E todavia, é ali que é necessário beber, porque é ali, naquelas águas rumorosas e confusas, que se contêm os elementos da inspiração

real, os Princípios vitais de que se nutre a sociedade, e de que tem por conseguinte de se alimentar também a poesia, sob pena de se tornar uma abstração, um fantasma, uma puerilidade. O problema da evolução poética na atualidade encerra-se todo nisto.

Mas aqui apresenta-se uma questão, que nos detém. Terá a sociedade contemporânea (essa sociedade, ao que dizem, positiva até ao mais desolador utilitarismo) na sua atmosfera sufocadora de indústria, de lutas sociais e de ciência friamente analítica, condições de vida e desenvolvimento normal para a constituição delicada das castas musas, das musas melindrosas e cismativas? Não será uma sociedade essencialmente antipoética, esta nossa, um mundo rebelde a toda a idealidade? Por outras palavras; poderá haver poesia racional, positiva e social? Será um ser *poético* o homem do nosso tempo?

Entendo que pode haver tal poesia; que a alma moderna, na sua titânica aspiração de verdade e justiça, é poética, poética essencialmente, daquela poesia forte e audaciosa dos mitos de Prometeu e Ajax; que há uma fonte abundante de inspiração nesta luta histórica de nações, de classes e de ideias, que é a epopeia e a tragédia viva do nosso século; que, finalmente, à maneira que os fatos confusos da nossa época se forem desembrulhando, mais lúcida e evidente se irá mostrando a idealidade sublime que nesse caos aparente se contém.

E a ideia dessa poesia nova não só existe, mas deve ser superior à ideia poética das eras anteriores, porque corresponde a um período mais adiantado da consciência humana, penetra com maior intensidade a natureza e o espírito, extrai o belo da própria realidade universal, não das visões de um subjetivismo inexperiente, e dá por base ao sentimento, em vez de sonhos e intuições quase instintivas, os fatos luminosos da razão.

Os caracteres essenciais dessa poesia já hoje se podem indicar, e todos eles se consubstanciam numa palavra, que resume também as tendências da nossa civilização: o humanismo. A inspiração social e naturalista vem substituir a sentimentalidade toda subjetiva e

peçoal, ou o transcendentalismo contemplativo de outras idades poéticas. A poesia deixa de duvidar e cismar, para afirmar e combater; mostra-nos o interesse profundo e o valor ideal dos fatos de cada dia; dá às ações, que parecem triviais, da vida ordinária, um caráter, e significação universais; e sorrindo maternalmente para as crianças, as mulheres, os simples, caminha todavia armada no meio das lutas dos homens.

Uma tal missão ninguém dirá que é mesquinha ou vulgar: há nisto com que tentar os mais altos engenhos. Cativar os corações mais generosos. E, sobretudo, deve seduzir os espíritos verdadeiramente poéticos acharem-se em comunicação direta e constante com o seu tempo, com as aspirações, os interesses, as crenças da sociedade que os rodeia, e de cuja vida vivem, como meio histórico a que fatalmente pertencem.

Certamente que essa evolução nova da poesia tem de ser lenta, como lenta é a evolução do ideal social, que a deve inspirar. Há um certo receio, e uma certa incerteza. O novo assusta: o indistinto faz hesitar, mas insensivelmente, e fatalmente também, caminha-se naquela direção. Os sintomas deste movimento tornam-se cada dia mais acentuados. Em França e Alemanha, sobre tudo, países aonde as ideias e tendências novas se pronunciam numa agitação crescente, podem já indicar-se exemplos bem significativos; em Alemanha ainda mais do que em França. Ali a poesia inspira-se resolutamente das lutas sociais e religiosas do tempo, e abalança-se já, ainda que com incerta fortuna, às grandes composições épicas, aonde se desenha uma sociedade, consubstanciada nos seus tipos e paixões mais características. Entre nós, há apenas indícios tênues e raros, mas que, por isso mesmo, devemos recolher tanto mais cuidadosamente, quanto parecem provar que nem tudo está inteiramente morto no espírito português, e nos animam a esperar com alguma confiança num melhor futuro.

*ANTERO DE QUENTAL.*

## EU POUCAS VEZES CANTO OS CASOS MELANCÓLICOS

Eu poucas vezes canto os casos melancólicos,  
Os letargos gentis, os êxtases bucólicos  
E as desditas cruéis do próprio coração;  
Mas não celebro o vício e odeio o desalinho  
Da musa sem pudor que mostra no caminho  
A liga à multidão.

A sagrada poesia, a peregrina eterna,  
Ouvi dizer que sofre uma afeção moderna,  
Uns fastios sem nome, uns tédios ideais;  
Que ensaia, presumida, o gesto romanesco  
E, vaidosa de si, no cola ebúrneo e fresco,  
Põe cremes triviais!

Oh, pensam mal de ti, da tua castidade!  
Deslumbra-os o fulgor dos astros da cidade,  
Os falsos ouropéis das cortesãs gentis,  
E julgam já tocar-te as roçagantes vestes  
Ó deusa virginal das cóleras celestes,  
Das graças juvenis!

Retine a cançoneta alegre das bacantes,  
Saudadas nos vagões, nos cais, nos restaurantes,  
Visões de olhar travesso e provocantes pés,  
E julgam já escutar a voz do paraíso,  
Amando o que há de falso e torpe no sorriso  
Das musas dos cafés!

Oh, tu não és, decerto, a virgem quebradiça  
Estiolada e gentil, que vem depois da missa  
Mostrar pela cidade o seu fino desdém,  
Nem a fada que sente um vaporoso tédio  
Enquanto vai sonhando um noivo rico e nédio  
Que a possa pagar bem!

Nem posso mesmo crer, arcanjo, que tu sejas  
A menina gentil que às portas das igrejas  
Enquanto a multidão galante adora a cruz,  
A bem do pobre enfermo à turba pede esmola  
Nas pampas ideais da moda, que a consola  
Das mágoas de Jesus!

E nas horas de luta enquanto os povos choram  
E a guerra tudo mata e os reis tudo devoram,  
Não posso dizer bem se acaso tu serás  
A senhora que espalha os lânguidos fastios  
Nos pomposos salões, sorrindo a fazer fios  
À viva luz do gás!

Tu és a aparição gentil, meia selvagem,  
De olhar profundo e bom, de cândida roupagem,  
De fronte imaculada e seios virginais,  
Que desenha no espaço o límpido contorno  
E cinge na cabeça o virginal adorno  
De folhas naturais.

Teus a linha ideal das cândidas figuras;  
As curvas divinais; as tintas sãs e puras  
Da austera virgindade; as belas correções;  
E segues majestosa em teu longo caminho  
Deixando flutuar a túnica de linho  
Às frescas virações!

Quando trava batalha a tua irmã Justiça  
Acodes ao combate e aponta sobre a liça  
Uma espada de luz ao mal dominador:  
E pensas na beleza harmônica das coisas  
Sentindo que se move um mundo sob as lousas  
No gérmen duma flor!

Num sorriso cruel, pungente de ironia,  
Também sabes vibrar, serena, altiva e fria,

O látego febril das grandes punições;  
E vendo-te sorrir, a geração doente,  
Sentir cuida, talvez, a nota decadente,  
Das mórbidas canções!

Oh, voa sem cessar traçando nos teus ombros  
O manto constelado, ó deusa dos assombros,  
Até chegar um dia às regiões de luz,  
Aonde, na poeira aurífera dos astros,  
Contrito, Satanás enxugará de rastos,  
As chagas de Jesus!

Lugar à minha fada ó lânguidas senhoras!  
E vós que amais do circo as noites tentadoras,  
Os flutuantes véus, os gestos divinais,  
Podeis vê-la passar num turbilhão fantástico,  
Voando no corcel febril, nervoso, elástico,  
Dos novos ideais!



## EU VI PASSAR

Eu vi passar, além, vogando sobre os mares  
O cadáver de Ofélia: a espuma da voragem  
E as algas naturais serviam de roupagem  
À triste aparição das noites seculares!

Seguia tristemente às regiões polares  
Nos limos das marés; e a rija cartilagem  
Sustinha-lhe tremendo aos hálitos da aragem,  
No peito carcomido, uns grandes nenúfares!

Oh! Lembro-me que tu, minha alma, em certos dias  
Sorraste já, também, nas vagas harmonias  
Das coisas ideais! Mas boje à luz mortíça

Dos astros, caminhando; apenas as ruínas  
Das tuas criações fantásticas, divinas,  
De pasto vão servindo aos lírios da justiça!



## VELHA FARSA

Rufa ao longe um tambor. Dir-se-ia ser o arranco  
Dum mundo que desaba; aí vai tudo em tropel!  
Vão ver passar na rua um velho saltimbanco  
E uma fera que dança atada a um cordel.

Ó funâmbulos vis, comediantes rotos,  
O vosso riso alvar agrada à multidão!  
E quando vós passais o arcanjo dos esgotos  
Atira-vos a flor que mais encontra à mão!

Lá vai tudo a correr: são as grotescas danças  
Duns velhos animais que já foram cruéis  
E agora vão sofrendo os risos das crianças  
E os apupos da turba a troco de dez réis.

Conta um velho histrião, descabelado e pálido,  
Da fera sanguinária o instinto vil e mau,  
E vai chicoteando um urso meio inválido  
Que lambe as mãos ao povo e faz jogo de pau.

Depois inclina a face e obriga a que lha beije  
A fera legendária olhada com pavor:  
E uma deusa gentil, vestida de barege,  
Anuncia o prodígio a rufo de tambor!

E as mães erguem ao colo uns filhos enfezados  
Que nunca tinham visto a luz dos ouropéis:  
E acresce à multidão a turba dos soldados,  
— ao hilota da cidade o escravo dos quartéis.



E o funâmbulo grita; impõe qual evangelho  
À turba extasiada a grande narração.  
E sobre um cão enfermo um orangotango velho  
Passeia nobremente os gestos de truão.

Correi de toda a parte, aligeirai o passo,  
Deixai a grande lida e vinde à rua ver  
As prendas dum fera, as galas dum palhaço,  
E um arcanjo que sua e pede de beber!

A tua imagem tens, ó povo legendário  
No cômico festim que mal podes pagar,  
Pois tu ainda és no mundo o velho dromedário  
Que a vara do histrião nas praças faz dançar.



## GRAÇA PÓSTUMA

Depois da tua morte eu hei de ver se arranco,  
Numa noite serena, ao teu berço final,  
Um produto mimoso; — um grande lírio branco  
Da alvura do teu colo ebúrneo e divinal!

Aquela flor suave, ó minha visão etérica,  
Debruçada gentil, na taça em que a puser,  
Far-me-á lembrar a graça cadavérica  
Do teu corpo franzino e etéreo de mulher!

E mesmo conterà, decerto, alguma coisa  
Do que me traz submisso e preso ao teu olhar:  
— Teu corpo a pouco e pouco irá fugindo à lousa  
Depois tornado em lírio à terra há de voltar! —

E em longas noites, nele, eu beberei sozinho,  
Sonhando as convulsões duns lindos braços nus,

A fragrância que exala a candidez do linho  
Em que hoje ondeias leve e onde os meus lábios pus,

— Saudando a boa mãe que faz com que eu te goze  
Depois do verme vil teu seio poluir,  
Mais pura no frescor de tal metamorfose  
Do que eras a cismar, do que eras a sorrir!

Ó minha doce Ofélia! Os rápidos momentos  
Da vida são cruéis mas passam como um som!  
Um dia quando enfim dos velhos sedimentos  
Teu corpo renascer num lírio imenso e bom,

Talvez que eu durma já também sob os matizes  
Das flores, ao sorrir das mil germinações,  
Dando um pasto fecundo às tuas sãs raízes  
Depois de te sagrar as últimas canções!



## HISTÓRIA SIMPLES

Havia um rapaz são, robusto, bom, valente,  
De espádua larga e rija; um ceifador gentil.  
Cavava todo o dia, andou sempre contente  
E a féria dava à mãe sem falta dum ceitel.

Ele amava a campina e os céus largos, serenos.  
Aos domingos a mãe deixava-lhe uns dez reis.  
Deitava-se ao luar, dormindo sobre os fenos,  
Na fragrância do trevo, ao pé dos cães fiéis.

A mãe tinha de seu duas vaquitas mansas:  
Num cerro agreste e vil alguns palmos de chão.  
E tinha ainda mais não sei quantas crianças  
Que andavam nuas sempre e sempre a pedir pão.

O pai mal se sustinha às vezes sobre as pernas:  
Era bêbado e mau, batia na mulher;  
E à noite, ao cintilar dos vinhos nas tabernas.  
Cantava canções vis de a gente ensurdecer.

Um dia uma senhora honesta da cidade,  
Esplêndida, gentil, sabendo-se sorrir,  
Reparou no rapaz; achou-lhe própria a idade  
E fez-lhe um certo gesto: — o moço não quis ir.

Teve um assomo de raiva, então, sua excelência.  
Ordenou-lhe que fosse: o moço disse, — irei!  
Despediu-se dos seus: devia obediência  
À senhora gentil que se chamava... A Lei!

Pegou no velho alforje e no bordão nodoso  
E meteu-se a caminho. Os pobres dos irmãos  
Choravam à partida: — um quadro doloroso!  
A mãe louca de dor torcia as magras mãos!

Chegando no outro dia ao ponto onde o chamaram  
Primeiro foi medido e todos afinal,  
Depois de bem revisto, à uma, concordaram  
Que ao serviço do rei convinha este animal!

Aqueloutra senhora, astuta, grave, terna,  
— A Ordem — jubilava em doces pulsações!  
Contava mais um servo, um filho, na caserna,  
Gastando pouco mais: — uns cobres e uns feijões!...

Agora quando passa o batalhão luzente  
Na rua, podeis ver o pobre cavador  
Com modos imbecis, marchar pesadamente  
— herói por conta alheia — ao rufo do tambor!

Não sabe onde caminha entre as guerreiras hostes!  
Perguntem-lhe o que é pátria e liberdade e lei!

Caminha simplesmente às ordens dos prebostes  
Que trazem no chicote a salvação do rei.

E na pobre cabana ainda se conserva  
O mesmo quadro triste: — a lacrimosa mãe;  
Alguns pequenos nus rolando sobre a erva,  
E um ébrio que pragueja e não pensa em ninguém!

Mulher não chores mais: a quadra é pura e bela:  
Enquanto na campina alouram os trigais,  
Teu filho guarda o mundo e a Deus faz sentinela:  
Receiam que Deus faça andar o mundo mais.

Em breve ele virá de júbilo e de assombro  
Encher tua alma, enfim, quando amanhã voltar  
Com seu velho canudo, a trouxa posta ao ombro,  
Trazendo novamente a luz ao pobre lar.

E tu perguntarás: o que é meu filho, é ouro!  
A quantas guerras foste? Ó céus, como tu vens!  
— Mãe tome essa lata! Esconda o meu tesouro  
E deixe-me ir dormir no feno ao pé dos cães!

---

### À MESA DO FESTIM

À mesa do festim, cercada de formosas,  
O canto dos cristais e o cintilar dos vinhos  
Saudavam juntamente os belos desalinhos  
Das galantes visões das ceias luminosas!

Molhavam-se em champanhe as pétalas das rosas!  
E embaixo, a nossos pés, em leves murmurinhos  
A gaze sobreposta à candidez dos linhos  
Erguia-se num mar de vagas caprichosas!

Ali tudo era paz! Nem ódios vis nem zelos!  
Os lábios pois limpando às rendas e aos cabelos  
Da menos trivial das fadas tentadoras,

Eu brindo aos mortos! — disse: à legião sagrada  
Que foi à solidão, à eternidade, ao nada!  
— Às almas e ao pudor destas gentis senhoras.



## OS SONHOS MORTOS

Embora triste a noite, a vagabunda lua  
Mais branca do que nunca erguia-se nos céus,  
Igual a uma donzela ingênua e toda nua  
No leito ajoelhada erguendo a frente a Deus!

O mar tinha talvez cintilações funestas.  
A praia estava fria, as vagas davam ais;  
Semelhavam, ao longe, as extensas florestas  
Fantasmas ao galope em monstros colossais.

E eu vi num campo imenso, agreste e desolado,  
Imerso no fulgor diáfano da luz,  
Juncando tristemente o solo ensanguentado  
Sinistra multidão de corpos seminus!

Tinha a morte cruel, em sua orgia louca,  
Deposto em cada frente um ósculo brutal;  
E um irônico riso ainda em muita boca  
Se abria, como a flor fantástica do mal!

E eu vi corpos gentis de virgens delicadas  
Beijando a fria terra, as mãos hirtas no ar,  
Em sagrada nudez!... Cabeças decepadas!...  
Em muito peito ainda o sangue a borbulhar!...

E sobre a corrupção das brancas epidermes  
Luzentes de luar e de esplendor dos céus,  
Orgulhosos passando os triunfantes vermes,  
Da santa formosura os últimos Romeus!

Se tu, a minha alma livre ainda hoje conservas  
Memórias das visões que amaste com fervor  
Aí as tens agora alimentando as ervas  
De novo dando à terra o que ela deu à flor.

São elas! As visões dos meus dias felizes,  
Meus sonhos virginais, as minhas ilusões,  
Que a seiva dão agora aos vermes e às raízes,  
Que em pasto dão seu corpo a novos corações!

São as sombras que amei, divinas, castas, belas;  
As quimeras gentis, os vagos ideais,  
Que de rosas cingi, que iluminei de estrelas,  
E que não podem já da terra erguer-se mais!



### FALA A ORDEM

Pequena, donde vens cantando a Marselhesa;  
Da barricada infame, ou doutra vil torpeza?

Que esplêndido porvir! Do nada apenas saís  
Começas a morder as púrpuras reais  
Ó filho trivial da lívida canalha!...

E, vamos, deixa ver, guardaste uma navalha?!  
Não tremas que eu bem vi! Que trazes tu na mão?  
Intentas já limar as grades da prisão,  
Fazendo cintilar um ferro contra o sólio  
Arcanjo que adejais nos fumos do petróleo?!...  
Mas, vamos, abre a mão: não queiras que eu te dê.

Bandido eu bem dizia! — a carta do ABC!



## Ó LÍRIOS DA CIDADE

Ó lírios da cidade, ó corações doentes  
Das vagas afeções modernas e galantes;  
Eu sei que vós morreis aos sons agonizantes  
Das orquestras febris, — nos sonhos dissolventes!

Sois os fulcros gentis que balançais pendentes  
Nas árvores da vida; e os pobres viajantes  
Famintos de ideal, sorriem triunfantes  
Julgando-vos colher nas seivas inocentes!

E tragam com fervor o pomo apetecido  
Que deve ter um mel oculto no tecido,  
— um raio bom do sol que nos sorri tão alto;

Mas vós que sois da moda um luminoso aborto,  
Como os frutos cruéis das margens do mar morto  
Apenas contendes dentro uma porção de asfalto!



## MISÉRIA SANTA

Entrando esta manhã num templo da cidade  
Aberto à multidão mas triste e quase só,  
O ver ao desamparo a velha majestade  
Num trono a desabar, meteu-me certo dó.

Restavam tão-somente alguns dourados velhos  
Do passado esplendor, e foi-me fácil ver  
Que uma nuvem de pó cobria os evangelhos  
Como coisa esquecida e imprópria de se ler!



A virgem, sobretudo; a mãe predestinada  
Que o Gólgota lavou nas lágrimas de fel  
Que sempre há de chorar toda a mulher amada,  
Ou seja a mãe de Cristo, ou seja a de Rossel;

Achei-a desolada e triste lá num canto,  
Sem pompas e sem luz, coberta de ouropéis  
Tão velhos como o roto e desbotado manto  
Que há muito, já, deveu à crença dos fiéis!

Dizer-me pode alguém de afetos bons e puros  
Que eu posso ainda encontrar as belas catedrais  
Aonde o simples Cristo e os mártires obscuros  
Campeiam no fulgor de pompas teatrais.

Bem sei; mas como disse, o acaso ou o quer que fosse  
Levou-me a um templo pobre e foi nele que vi  
Que há mendigos do céu, de olhar sereno e doce,  
Proletários do altar a quem ninguém sorri!

E ao ver esta humildade — eu tenho disto às vezes —  
Pensei, não sei porquê, nas mórbidas visões  
Que não passam de ser as filhas dos burgueses  
Mas de rendas de França enfeitam seus roupões!



## ASTRO DA RUA

Fazia ontem já tarde um nevoeiro espesso.  
— Que insônia em mim produz este úmido vapor!  
Eu vinha enfastiado, ou turvo, enfim confesso,  
Dos fumos do café, da luz e do rumor.

Um fantástico véu cobria as longas praças;  
E o gás ria através da grande cerração

Que em lágrimas descia ao longo das vidraças  
E em flocos de alva neve humedecia o chão.

Eu mesmo achava em tudo um tom maravilhoso.  
Dispus-me a crer no céu a amar este ideal:  
De súbito eis que passa um astro radioso  
Luzindo-me através do mágico cendal!

Que vaga exalação ó coisas vis que adoro!  
Que belo olhar de Deus, deixai-me assim dizer!  
Pelo sulco de luz julguei um meteoro,  
Pelo aroma sutil sonhei uma mulher!

Passou porém, fugiu: no fim eis em resumo  
A sua breve história! O sonho é sempre assim!  
Há coisas que ao passar ainda deixam fumo:  
Aquela só deixava um vácuo dentro de mim.

Arcanjos caminhei, que eu espero o grande dia  
Da nossa atirou vingança, ó déspotas do céu!  
Nossa alma anda algemada à vossa tirania  
Mas há de erguer-se a escrava... — Assim dizia eu  
E a mesma aparição de novo a deslumbrar-me!

De novo a mesma aurora o espaço a iluminar!  
Agora pude vê-la e posso recordar-me  
Dos abismos de luz que havia em seu olhar.

O astro vinha envolto em nuvens de escumilha:  
De resto era uma fada, eu mais não sei dizer.  
Deixava atrás de si um aroma de baunilha  
De um louco se abismar de um pobre enlouquecer!

Quem quer que sejas tu, que sejam sempre belos  
Teus céus sem vendaval, teus dias sem revés!  
Feliz de quem puder beijar os teus cabelos  
E aos lábios aquecer os teus pequenos pés!

— Dizendo caminhei. Porém novo prodígio!  
Ainda a perseguir-me a mesma aparição  
E eu ainda sentia o lúcido vestígio  
Que há pouco em mim deixara a outra exalação!

Mas agora reparo, atento na sua chama!  
Que olhar tão insolente, o céu não luz assim!  
Na gaze que ela arrasta há um debrum de lama,  
Na face macerada uns traços de carmim!

Oh! astro! Enfim conheço a órbita que traça  
O teu curso veloz! Bem sei onde tu vais!  
Prossegue no teu giro em volta dessa praça  
E Deus te dê mais luz e menos lamaçais.



### QUANDO MARTA MORRER

Quando Marta morrer, depois do extremo arranco,  
Não tratem de orações;  
Desprendam-lhe o cabelo e vistam-na de branco  
À moda das visões.

Desejo vê-la então passar desta maneira  
Depois de tal revés,  
Por entre a chama azul e tênue da poncheira  
No fumo dos cafés.

Aquele bom país das pálidas quimeras,  
Monotonia azul;  
Não temam que ela vá no fogo das esferas  
Queimar o véu de tule.

Assusta-a muito o frio, a chuva, o sol dos trópicos  
A nuvem triste e vã,

E podem-lhe prender os pés tão microscópicos  
As névoas da manhã!

De noite ela virá com seus trajes singelos,  
Arcanjo doutros céus,  
Nos suspiros febris dos meigos violoncelos  
Dizer-nos mal de Deus.

Contar-nos porque foge à doce transparência  
Que o céu formoso tem,  
Meiga filha gentil da mesma decadência  
Que é nossa boa mãe.

Se as lágrimas de luz que chora o firmamento  
Em noites de luar,  
Ao seu pescoço nu pudessem, num momento,  
Cingir-me num colar;

Decerto ela daria ao pálido cometa  
E à estrela trivial,  
A mesma adoração que dava à cançoneta  
Que amou até final!

E à saída do circo, ao astro romanesco,  
A noite iria, então,  
Contar, ainda a sorrir, o ardor funambulesco  
Do lívido truão!

Assim, não quer ouvir aos coros invisíveis  
Um hino de enfadar,  
Cantado por milhões de arcanos insensíveis  
Sem um que a possa amar!

E não lhe esquecem nunca os rápidos instantes  
Do que ela amava mais:  
— a vida iluminada à luz dos restaurantes  
Num sonho de cristais!

---

## AS VÍTIMAS

Eu vejo muita vez e raro já me assombro  
— minha alma tanto afiz às tristes comoções!  
Na rua, junto a mim, passar ombro com ombro  
No trânsito penoso as longas procissões,

De vítimas da sorte e vítimas do mundo!  
Umhas boas, gentis, outras feias, cruéis,  
Envoltas num sudário ou num burel imundo;  
Nas pompas teatrais, nas galas dos bordéis,

Não são filhas do sonho ou criações quiméricas  
Da mente alucinada, ou vagos ideais;  
São magros peitos nus, são faces cadavéricas,  
São as tristes, as vis desolações caruais.

São pequenos sem pão que vão pedindo esmola  
Nas lamas encharcando os regelados pés:  
Que dormem nos portais, que nunca vão à escola  
— flores que enfeitarão a noite das galés!

São aquelas gentis e pobres costureiras  
De peito comprimido; anémica expressão;  
Que passam a tossir, cansadas, com olheiras,  
Ganhando em todo o dia apenas um tostão,

Curvadas a coser o lânguido veludo,  
O irritante cetim dos grandes enxovais,  
Das princesas do Banco, herdeiras disto tudo;  
Depois indo morrer nos tristes hospitais!

São os pobres heróis que os seus irmãos combatem;  
Que morrem sob o peso enorme dos canhões,  
E o cortejo de mães pedindo aos reis que as matem

E os reis fazendo rir das suas maldições!

São da lúgubre noite umas flores sem nome  
Batidas muito já dos grandes vendavais,  
Que, porque sentem frio ou porque sentem fome,  
Derramam pelo seio aromas triviais

E fingem depois ser aparições divinas,  
Erguendo um pouco a saia, a fímbria sensual,  
Abrindo um vil leilão de beijos, nas esquinas,  
Aos apetites vis da multidão brutal!

São mineiros sem luz; são velhos britadores,  
Que o contato da pedra um dia endureceu,  
Queimados pelo sol, gelados nos horrores  
Do túmulo cruel que em vida os recebeu!

São aqueles heróis, enfim, dos grandes sonhos,  
Que sentiram na terra as vastas corrupções  
E às turbas apontando uns mundos mais risonhos  
Tentaram espedaçar os últimos grilhões

E que passam também um tanto contristados,  
Talvez cheios de tédio, ao verem que hoje, nós,  
Os deixamos seguir ainda apedrejados  
Não raro desprezando a sua augusta voz!

E a grande multidão de mártires sublimes,  
De tristes seminus, constante a caminhar,  
Aos céus erguendo as mãos, queixando-se dos crimes  
Dos déspotas que aos pés não cessam de os calcar!

A fila tenebrosa, a procissão de vítimas,  
Aumenta mais e mais; não deixa de crescer!  
E do estigma cruel das penas mais legítimas  
Em muita frente bela um traço podeis ver!

Caminhe muito embora: a sorte é sempre vária  
E a turba sofredora, ó grandes bem sabeis,  
Podia dividir a túnica cesárea  
Lançando aos que estão nus a púrpura dos reis!



## EVOCAÇÃO

Levanta-te Romeu do túmulo em que dormes  
E vem sorrir de novo à boa, à eterna luz!  
De noite, ouço dizer que há sombras desconformes  
E as noites do passado, oh, devem ser enormes  
Na atonia fatal das larvas e da cruz!

Conchega gentilmente ao peito carcomido  
Os restos do teu manto: — assim, que bem que estás!  
Na terra hão de julgar-te um grande Aborrecido  
Que busca desdenhoso o centro do ruído  
Nas horas vis do tédio e das insônias más.

O mundo transformou-se; aquele fundo abismo  
Do antigo amor fatal, fechou-se duma vez,  
E tu filho gentil do velho romantismo,  
Tu vens achar dormindo o rude prosaísmo  
No berço onde sonhava a doce candidez!

No entanto podes crer; faz muito menos frio  
À luz do novo sol; do gás provocador;  
E o século apesar de gasto e doentio,  
Não pode já escutar o cântico sombrio  
Que fala de ideais e coisas sem valor!

Em paz deixa dormir a terna Julieta  
Que aos céus ainda por ti levanta as brancas mãos;  
E enquanto por mim corre a tétrica ampulheta,  
Da musa alegre e vil da torpe cançoneta



Saudemos a nudez a par dos bons pagãos!

Nas praças, tu bem vês; a turba prazenteira  
Inunda-se na luz de mil constelações!  
E os arcanjos da rua assomam na poeira  
Que exala o macadame, trazendo em cada olheira  
O astro criador das grandes sensações!

E quando a cotovia à estrela matutina  
Mandar a saudação. Lá fora, em pleno céu,  
Romeu tu beijarás, que é tua eterna sina,  
A trança da beleza anémica e franzina  
Que entre os fumos da festa, a amar, adormeceu!



### **BOAS NOITES COVEIRO**

Boas noites coveiro: a tua enxada  
Não cessa há tanto tempo de cavar?!  
Cavaleiro da morte, ó fronte desolada,  
Não sentes a mão trêmula e cansada  
De tanto trabalhar!

Tu esperas hoje as legiões sombrias  
De mortos, que eu suponho ao longe ver?  
Os felizes caídos nas orgias  
E os tristes que além todos os dias  
O gelo vem colher?!

Que imensa vala aberta! São medonhos  
Os risos dessa boca infame, alvar!...  
Descansa dos teus dias enfadonhos!  
— Eu cavo a sepultura dos teus sonhos  
Não posso descansar!



## FLOR DA MODA

Alice, o turbilhão das salas elegantes,  
Começa a entristecer; ninguém sabe porquê!  
Aquele flor doente amava muito dantes  
As festas, o ruído, as coisas deslumbrantes,  
Agora é desolada e penso que descrê.

Que tédio se abrigou na vaga transparência  
Dum todo tão sutil, aéreo, divinal,  
— moderna criação da santa decadência,  
Que alia gentilmente às pompas da regência  
Os indecisos tons dum ar sentimental?!

Arcanjo por quem és! Desvenda esse mistério  
Das vagas opressões da tua insônia má,  
E diz-me o teu sonhar visão do baixo império,  
Vestal que amas o gás e tens o fogo etéreo  
Na conta duma coisa um tanto usada já!

No idílio pastoril das noites venturosas  
Não sonhas tu decerto, e raro o hão de sonhar  
Num mundo todo nosso, as belas desditosas  
Que em trinta anos de fogo as suas velhas rosas  
Nos grandes vendavais sentiram desbotar!

E quando a augusta voz do mar ou das florestas  
Abala o coração dos justos e dos bons,  
Bem sei que tu não vais, fugindo às grandes festas,  
No amor das castelãs cismar entre giestas  
Com medo que te acorde a bulha dos *wagons*!

Eu sei talvez teu mal! A febre que hoje sentes  
Abrasa a geração de lírios ideais  
Que passam, como tu, galantes e doentes,  
Dum amor desordenado às causas dissolventes,  
Às vozes da guitarra e aos cantos sensuais!...

E tem de os consumir a grande nostalgia  
Dum mundo mais à moda e menos trivial,  
Onde haja um grande caso, ao menos, cada dia  
E se possa esquecer a vil monotonia  
De tudo que nos cerca: — Alice eis o teu mal!

No entanto eu sei que és boa: apenas das insônias  
A febre, mãe cruel de estranhas sensações,  
Na fria placidez do gás e das begônias  
Constrói na tua mente as grandes babilônias  
Dum mundo extraordinário e monstro de visões!

Tocou-te um mal galante: és tênue e caprichosa:  
És boa e fazes gala em que te julguem má.  
E sentes sobretudo uns tédios cor-de-rosa  
E os êxtases cruéis duma mulher nervosa:  
Se existe a mulher-flor, tu és a flor de chá!

E chame-te o bom Deus ao foco aonde brilha  
Aquele eterna luz, amor dos imortais,  
Que tu amortalhada em rendas e escumilha  
Achar deves, talvez, da moda, ó terna filha,  
O céu modesto um pouco e os anjos triviais!

---

### Ó MÁQUINAS FEBRIS!

Ó máquinas febris! Eu sinto a cada passo,  
Nos silvos que soltais, aquele canto imenso,  
Que a nova geração nos lábios traz suspenso  
Como a estância viril duma epopeia de aço!

Enquanto o velho mundo arfando de cansaço  
Prostrado cai na luta; em fumo negro e denso  
Levanta-se a espiral desse moderno incenso

Que ofusca os deuses vãos, anuviando o espaço!

Vós sois as criações fulgentes, fabulosas,  
Que, vibrantes, cruéis, de lavas sequiosas,  
Mordeis o pedestal da velha Majestade!

E as grandes combustões que sempre vos consomem  
Começam, num cadinho, a refundir o homem  
Fazendo ressurgir mais larga a Humanidade!



## A CRISTO

Precisamos Jesus, se não Te sentes velho,  
Que cinjas novamente o resplendor da luz  
E venhas explicar a letra do evangelho  
A muitos que hoje vês prostrados ante a cruz!

Ainda não cessou, de todo, essa contenda  
Que um dia, há muito já, tentaste debelar:  
E aqueles que são bons e adoram Tua lenda  
Desejavam também ouvir-Te hoje falar.

Apenas ressoasse o Teu verbo indignado,  
O látego febril das grandes corrupções,  
Iria atrás de Ti um mundo revoltado  
Que sente na consciência a luz das redenções.

E embora não houvesse, aqui, outra alma gémea  
Da Tua, e tão ungida em bálsamos dos céus,  
Havias de encontrar essa alma de boémia  
Que sonha uma justiça e sente em si um Deus!

Mas não, não voltes cá: Teu corpo combalido  
Não pode suportar os gelos da manhã.  
Precisavas de pão, de abrigo e de vestido

E a vida aqui é cara e longo o macadam!

Terias de encontrar, decerto, mil estorvos  
No mundo revolvido, e escuta-me Jesus:  
Se não fosses, enfim, comido pelos corvos  
Talvez Te fuzilasse um cura Santa-Cruz!

Serias apontado a dedo, muitas vezes,  
Como um simples bandido, um agitador feroz,  
E haviam de esconder seus ouros os burgueses  
Apenas ressoasse, ao longe, a Tua voz!

Depois vinhas achar a par do proletário,  
Ao pé do que se inunda em bagas de suor,  
Aquele velho Pedro, agora milionário,  
E triste por pensar que já esteve melhor!

E perto do ócio vil à sombra do qual medra  
O egoísmo feroz que extingue o coração,  
Lutando todo o dia o britador de pedra  
A quem à noite espera, em casa, um negro pão;

E uns pequenos sem cor; talvez cheios de fome,  
Com pouca luz no olhar; atrofiados, nus;  
Abrindo os olhos muito à côdea que ele come  
E indo-se deitar sem roupas e sem luz!

Assim deixa-Te estar. O Teu cadáver triste  
Recende uma fragrância etérea e divinal,  
Enquanto o mundo segue e vai de lança em riste  
Sem tréguas combatendo as legiões do Mal!

Tu foste o paladino, o trovador sagrado,  
Que falaste do amor, da paz e do perdão,  
E o ferro que varou Teu corpo lado a lado  
Contudo inda reluz altivo em muita mão!

Nós, hoje, quando em luta erguemos sobre a liça  
O gládio vingador das opressões cruéis,  
Soltamos, num sorriso, o nome da Justiça,  
E há quem saiba morrer sem bênçãos nem lauréis!

Descansa pois Jesus! Bem basta que Tu sintas,  
Nesse velho sepulcro, o imenso vozear  
Dos mineiros sem luz, das legiões famintas,  
Que nunca, um dia só, deixaram de lutar,

Mas que hão de enfim vencer, porque a suprema essência  
A jorros cai do céu nas mãos dos Prometeus,  
E tanto vai subindo a vaga da consciência  
Que um dia há de abismar-se em nós o próprio Deus!



### **EU TIVE UM SONHO ESTRANHO**

Eu tive um sonho estranho: ouvi que vou dizê-lo.  
Era em praia deserta, em frente a um longo mar:  
Nos céus havia a névoa, a mãe do Pesadelo,  
E o vago, o incerto, o informe em tudo a oscilar!

De súbito surgiu, na praia, uma criança  
De olhar profundo e bom, de angélica expressão,  
E o mar contemplou com tanta confiança  
Que nem que visse nele o berço dum irmão!

Mas a vaga subindo, em cada extremo arranco  
Levando ia consigo aquela flor dos céus!  
E em breve só boiava um ténue vulto branco  
No mar onde flutua o espírito de Deus!

Mais tarde à beira-mar chegava a pura imagem  
Da mais casta mulher que em vida pude ver.  
Detinha-se distante: — a espuma da voragem

Só meia extenuada aos pés lhe ia morrer!

O imenso mar, porém, crescia a cada instante  
Mais turvo e mais veloz! Depois... Não quis ver mais.  
Ergui-me e caminhei de vale em vale errante  
Pensando tristemente em coisas ideais!

Ao longe, muito além, na serra desviada  
De súbito encontrei — ó estranha aparição!  
Uma pobre velhita enferma e desolada  
Trazendo já no olhar a grande cerração!

Que ideia me assaltou não sei dizê-lo agora.  
Aonde iria o espectro, aquela sombra vã?  
Iria aonde vai o que ontem foi aurora  
E aonde irão também as rosas de amanhã?...

Dos meus instantes bons, ó lúcida quimera,  
Bem vês que os sonhos maus são fáceis de esquecer!  
Que importa a grande noite em plena primavera,  
Que importa o que tu foste, o que és, e o que hás de ser!!



## O GRANDE TEMPLO

Eu não traço o burel do magro cenobita  
Nem me posso infligir cruéis macerações;  
Mas não rio de alguém que busca a paz bendita  
No seio casto e bom das grandes solidões.

Bem sei que há na montanha aromas penetrantes  
E certas vibrações que podem fazer mal;  
Mas se é preciso Deus, direi que é melhor antes  
Amá-Lo com fervor no templo universal!

Enquanto sobre o altar das serras azuladas

Mil lâmpadas do céu derramam toda a luz,  
Nas velhas catedrais, já meio arruinadas,  
O tempo — o grande verme! — até devora a cruz!

Depois é fácil ver, por entre os arabescos,  
Que a arte sensual traçou com tanto amor,  
As vezes, o sorrir dos Sátiros grotescos  
Pungindo cruelmente a face do Senhor.

Ou mais; podemos nós voar todos cativos  
Do sereno ideal, daquele sumo bem,  
Ao vermos tanta vez os Faunos mais lascivos  
Olhando de revés a virgem nossa mãe?!

E ainda mil traições: as músicas, as flores,  
Os lindos serafins voando todos nus;  
Da seda que se arrasta os lânguidos rumores,  
Do incenso as espirais; os turbilhões de luz!

Oh! Visto haver de tudo; aromas e decotes,  
O vinho cintilante, a viva luz do gás;  
Que a vossa rouca voz, pomposos sacerdotes,  
Não cante apenas Deus; que solte alguns hurras!

O fumo dessa festa, a mim, pouco me assusta.  
Se eu quero alguma vez fugir do pó, voar,  
Eu tenho o vale profundo ou a floresta augusta,  
As montanhas, os céus, e o belo, o vasto mar!

Da casta natureza ó templo gigantesco,  
Tu és mais amplo, sim; mais livre, muito mais!  
O meigo e doce olhar do Cristo romanesco  
A multidão gentil não chama aos teus umbrais.





## A UM CERTO HOMEM

Agora és todo nosso: a rude voz da história  
Já pode hoje falar  
E dar-te um balancete às nódoas e à glória  
Rei-Sol de *boulevard*.

Que dias de esplendor! Porém como começa  
A noite e a podridão!  
Foi Deus que te mandou também para a Lambessa  
Da eterna punição!

Enfarda a tua glória e leva-a que é vergonha  
Que vejam amanhã,  
Que até lhe depenou as águias de Bolonha  
O abutre de Sedan!

E visto que em redor nenhuma estrela brilha  
E a noite é longa e má,  
No caminho do opróbrio acende a cigarrilha  
E, César, ouve lá:

Que ativa e bela a França! Aquela Gália ardente  
Que de Valmy levou,  
Descalça, quase nua; a Marselhesa em frente;  
Nossa alma até Moscou!

Seus filhos têm a foice: envergam rudes clâmides  
Depois, caminham sós;  
E enquanto ceifam reis acordam nas Pirâmides  
A alma dos Faraós!

E vão cheios de fé, bandeira solta ao vento,  
Na gleba das nações,  
Convictos semeando o novo pensamento  
No sulco dos canhões!

Mas tu chegas um dia: afogas-lhe a grandeza  
E quando a tens aos pés,  
Celebras a vitória aos hinos de Teresa,  
A musa dos cafés!

Banquetes dás ao crime; e os teus heróis de esquina  
Ainda a afrontam mais,  
Tornando a Marselhesa em torpe Messalina  
Dum circo de chacais!

E sobre alguns montões de mortos ainda quentes,  
Enfim campeias, tu,  
Que deste à sagração das coisas dissolventes um  
Petrônio Sardou!

Porém, quando ao comer ainda um beijo à Fama,  
Um dia avanças mais,  
Teu carro triunfal trambolha-te na lama  
E então como tu sais!

Revolves-te no horror das vis, infectas ondas  
De lodo e podridão,  
E vais de manto roto e vestes hediondas  
Buscar a escuridão!

Em vez de reclinar a fronte ao sol ardente  
Da luta que sorri,  
Do fumo dos canhões fugiste, e de repente...  
Matou-te um bisturi!...

Que entrada a tua, então, na fúnebre morada,  
Pisando, incerto, o pó,  
À luz duma lanterna, ao vir da encruzilhada,  
Sinistro, sujo e só!

Das cinzas levantou-se um brado entre os jazigos  
Dos bons e dos leais,

Apenas descobriste a marca dos castigos  
Nas faces triviais!

E quando te assustava o olhar altivo de Hoche  
E o gesto de Danton,  
Sorria-te na sombra o amor da Rigolboche  
Meu César-Benoiton!



### À HORA DO SILÊNCIO

Eu quis ontem sonhar, sentir como um romântico  
A doce embriaguez do pálido luar,  
Ouvindo em pleno azul passar o imenso cântico  
Dos astros no seu giro e em sua luta o mar!

A cidade dormia o sono dos devassos;  
Aquele sono turvo, infecto e sensual:  
E a lua, antiga fada, erguia nos espaços  
Tranquila e sempre ingênua a fronte de vestal!

E sobre a quietação das coisas vis e exóticas  
Sentiam-se as febris, cruéis respirações,  
Dos tristes hospitais e das virgens cloróticas,  
Dos amantes fatais da febre e das paixões!

A noite era em silêncio, a atmosfera doce  
E ria a natureza aos beijos dum bom Deus.  
De súbito escutei, ao longe, o quer que fosse  
Dum canto que supus então baixar dos céus!

Atento ao vago som, porém, a pouco e pouco  
Senti que era uma voz disforme e sensual,  
Soltando uma canção naquele acento rouco  
Da triste inspiração alcoólica e brutal!...

O terna vagabunda, enamorada lua!  
Enquanto ias assim, diáfana e sem véu,  
Uma triste mulher passava, então, na rua  
Cuspindo uma porção de infâmias para o céu!



### EU QUISERA

Eu quisera depois das lutas acabadas,  
Na paz dos vegetais adormecer um dia  
E nunca mais volver da santa letargia,  
Meu corpo dando em pasto às plantas delicadas!

Seria belo ouvir nas moitas perfumadas,  
Enquanto a mesma seiva em mim também corria,  
As sãs vegetações, em íntima harmonia,  
Aos troncos enlaçando as lívidas ossadas!

Ó beleza fatal que há tanto tempo gabo:  
Se eu volvesse depois feito em jasmims do Cabo,  
— gentil metamorfose em que nesta hora penso;

Tu, felina mulher com garras de veludo  
Havias de trazer meu espírito, contudo,  
Envolto muita vez nas dobras do teu lenço!



### O VELHO CÃO

Soltava ontem já tarde um velho cão felpudo  
Uns doloridos ais,  
Em frente dum palácio altivo, belo e mudo,  
Cerrado aos vendavais.

Fazia pena ouvi-lo, o mísero molosso

Em seu triste chorar!  
Era quase uma sombra: apenas pele e osso  
E um vago, um doce olhar!...

Eis a sorte cruel do pobre que não come,  
Dos míseros sem pão!  
Em paga ainda em cima os vai tragando a Fome,  
A negra aparição!

Latia o cão faminto. O frio era mordente,  
Feroz, quase voraz!  
E o pobre não sabia, enfim, que há muita gente  
Que adora a santa paz.

Ora perto vivia uma galante rosa,  
Etérea, virginal,  
Que tinha um lindo colo, amava, era nervosa  
E a quem fazia mal,

Aquele uivar sinistro; a ponto de em desmaios  
Pender a fronte ao chão!  
Saíram pois à rua impávidos lacaios  
E foram dar no cão.

— Há no mundo um rafeiro, um velho cão esfaimado,  
— o povo sofredor,  
Que às vezes vai ganir, com fome, o seu bocado  
Às portas dum senhor.

O resto é velha história: ocioso é já dizer-vos  
O fim que ela há de ter.  
A Ordem, só de ouvi-lo, alteram-se-lhe os nervos  
E manda-lhe bater!



## AS VELHITAS

Eu não professo muito o culto das ruínas.  
Prefiro uma oficina às velhas barbacãs;  
Das velhinhas, porém, mirradas, pequeninas,  
No entanto nunca insulto as prateadas cãs.

Deixá-las caminhar, curvadas, vagarosas,  
Com seu bento rosário, os seus fofos beitões,  
A rirem-se de nós, cruéis, maliciosas,  
Sagazes comentando as nossas ilusões!

Ah, velhitas sem cor! Cabeças regeladas,  
Vulcões de que só resta a cinza e nada mais:  
Já fostes as visões; talvez as brancas fadas;  
Prendestes vossos pés nos úmidos rosais;

Tivestes já no olhar os bons reflexos mágicos  
Dos lagos ideais cobertos de luar;  
As curvas sensuais, os belos dedos trágicos;  
As rosas más do inferno, os lírios bons do altar!

Prendestes já cismando as fronte melancólicas  
Nas varandas à noite, amantes dos Titãs  
Do belo amor antigo! Ó Márcias das bucólicas!  
E agora apenas sois as mães de nossas mães!

Segui vosso caminho: as graciosas fadas,  
As belas da cidade, anémicas, gentis,  
Sorriem-se, talvez, das fitas desbotadas,  
Dos propectos chapéus, das galas que vestis!

Oh! Mostrando os troféus das vossas velhas rosas,  
Dizei-lhes, a sorrir, das fúteis ilusões,  
Que fostes já, também, galantes e nervosas  
Mas destes isso tudo a vários corações!

Agora tendes pouco: apenas uns lamentos  
Sentidos contra nós; queixumes sem valor!  
E ao mundo importam muito os vossos testamentos  
E importa muito pouco a vossa imensa dor!

Batei à grande porta: os belos dias vossos,  
Velhitas, bem sabeis, não podem voltar mais!  
A terra ide levar, enfim, nuns tristes ossos  
O resíduo fatal das coisas virginais!



## ÀS VISÕES

Pois que visões! Não cessa a rápida corrida  
E seja noite ou dia,  
Volteadoras cruéis! Vós sempre a toda a brida  
Na minha fantasia!

Parti, quimeras vãs! Arcanjos ou madonas,  
Parti, que o mando eu,  
Como um bando fatal de velhas amazonas  
Que o circo aborreceu!

Levai tudo convosco: as setas mais a aljava;  
O angélico sorriso:  
E as asas de escumilha em que eu voava  
À noite, ao paraíso!

Eu quero, enfim, dormir; passar as noites gratas  
Sentindo-me feliz,  
No sono maquinal dos velhos acrobatas  
Depois das farsas vis!

Mais tarde hei de sorrir, ou escarnecer-me quase,  
Lembrando-me — é verdade!  
Que onde eu supunha aurora havia apenas gaze

E uns traços de alvaiade.

Perdão se vos insulto! Oh, não, vós sois do empíreo,  
Daquele meigo azul,  
Que a todos tem sorrído: a Cristo no martírio,  
Na dor, ao rei de mie;

E quando vos apraz, nas asas transparentes,  
Mais alto ides por certo,  
Do que as deusas gentis, aéreas, insolentes,  
Que vemos voar tão perto!

No entanto podeis crer ó lúcidos fantasmas  
Que o século, afinal,  
Oculta no esplendor não sei que vis miasmas  
Que fazem muito mal!

E quando vós passais, nas horas do mistério  
De estrelas revestidas,  
Bebemos nós, talvez, o aroma deletério  
Das rosas corrompidas!

Oh sim! Parti depressa; erguei-vos deste abismo  
Arcanjos ideais,  
Deixando-nos colher a flor do realismo  
Nas coisas triviais!



### MELANCOLIAS DE OUTONO!

Melancolias de Outono! Eu quando além descubro,  
Nas tristezas do campo, as filas mugidoras  
Dos vagarosos bois que voltam das lavouras,  
Compungem-me as cruéis desolações de Outubro!

Das orlas do poente, afogueado, rubro,



Ó moribundo sol! Com que poesia douras,  
As formas triviais das cabecitas louras,  
Que, às portas dos casais, de bênçãos também cubro!

Solta o canto final a orquestra da folhagem:  
São horas de partir; apresta-se a viagem,  
E as noites dos saraus hão de voltar mais belas!

Mas as vistas lançando às regiões saudosas,  
Nos esforços cruéis das tosses dolorosas,  
Em bandos vão partindo as tísicas donzelas!



## O VELHO MUNDO

Eu vejo em toda a Terra um vasto cemitério,  
A necrópole imensa, a campa dos colossos,  
Aonde em paz descansa o velho megatério,  
Por entre a fauna morta, os carcomidos ossos!

E os grandes leviatãs dos primitivos mares!  
Os tremendos répteis, cruéis, descomunais,  
Celebram no silêncio as núpcias singulares  
Dos seus resíduos vis, com ricos minerais!

E os esqueletos nus dos lívidos gigantes  
Abraçam-se melhor; conchegam-se na cova,  
Deixando um lugar vago aos velhos elefantes  
Que vão fugindo à luz da natureza nova!

Também no mundo interno as almas vão seguindo,  
Na corrente da vida, em mil circulações;  
E da consciência humana o largo abismo infindo  
Oculta, há muito já, disformes criações!

Elas dormem na sombra imensa do passado

Aonde em breve hão de ir nos transe doloridos,  
A velha Realeza e o trêmulo Papado  
Sem forças descansar os corpos corrompidos.

Depois virão mais tarde as gerações futuras  
E os dois espectros vão da sombra hão de evocar,  
Bem como a nossa voz, as grandes criaturas  
Do mundo primitivo, obriga a despertar.

E as crianças terão seus nomes de memória,  
Como exemplo, na vida, a todos os momentos;  
E vê-los-eis de pé, nas páginas da história.  
Grotescos, maquinais, pesados, sonolentos;

Fazendo-nos pensar; de espanto enchendo tudo;  
Sofrendo o riso alvar do ingênuo e do plebeu,  
Iguais ao mastodonte armado para estudo  
E exposto às irrisões nas salas dum museu!



### **EIS A VELHA CIDADE!**

Eis a velha cidade! A cortesã devassa,  
A velha imperatriz da inércia e da cobiça,  
Que da torpeza acorda e à pressa corre à missa!  
Baixando o olhar incerto em frente de quem passa!

Ela estreita no seio a velha populaça,  
Nas vis dissoluções da lama e da preguiça,  
E nunca o santo impulso, o grito da Justiça,  
Lhe fez estremecer a fibra inerte e lassa!

E pode receber o beijo e a bofetada  
Sem que sinta o rubor da cólera sagrada  
Acender-lhe na face as duas rosas belas!

Somente dum sorriso alvar e desonesto,  
As vezes, acompanha o provocante gesto  
Quando soa a guitarra, à noite, nas vielas!



## À NOITE

Eu gosto de velar a percorrer os mundos  
Ó noite dos bons cânticos,  
Aos lívidos clarões dos astros vagabundos  
Nos êxtases românticos,

Enquanto a vil cidade, a cortesã devassa  
Dos falsos ouropéis,  
Com seus famintos cães, a sua lua baça  
E os seus negros bordéis,

Ressona torpemente aos beijos deletérios  
Dalguns velhos amantes;  
— os longos hospitais e os tristes cemitérios  
Que a afagam delirantes!

Contudo eu também sei que existe muito instante  
De gelos, em que tu,  
Feroz, cravas o dente agudo e penetrante  
No pobre seio nu!

Que há horas em que vens, nas úmidas cidades,  
Nas choças, nos esgotos,  
Cuspir cinicamente as frias tempestades  
No seio vil dos rotos,

Sem ter pena, sequer, da pobre mãe que passa  
Um dia sem ter pão,  
Nem dessa esfarrapada e velha população  
Que rosna como um cão!...

Mas em breve deixando as tenebrosas vestes,  
O manto dos horrores,  
E o gládio vingador das cóleras celestes  
Ó noite dos amores,

Retomas o tom puro e santo do mistério  
Da pálida mulher  
Que vai colher, cismando, um lírio ao cemitério  
E ao campo um malmequer!

Em horas de tormenta és a mulher colérica!  
Até cospes na cruz!  
E formam-te espirais na coma atmosférica  
As víboras de luz!

Porém no teu regaço, altivo, casto, enorme,  
Em doce e plena paz,  
É que a virtude sonha e que a desgraça dorme  
Depois das horas más,

E em lúcidos cristais há cintilantes vinhos;  
Os casos mais galantes;  
As lânguidas canções; os belos desalinhos  
E os gestos provocantes!

Ó filha do silêncio! Aos puros alabastros  
Dos ombros ideais,  
Se Deus arremessasse a quantidade de astros  
Que em ti brilham a mais,

As pálidas visões que passam doloridas,  
E um tanto contristadas,  
Haviam de surgir de estrelas revestidas  
Em trajos de alvoradas!

Em ti cuida escutar uns sons inexprimíveis

De lânguidas canções,  
O pobre sonhador de coisas impossíveis  
Que adora as solidões!

E quando o resplendor de mundos luminosos  
Na tua frente cinges,  
Os gatos sensuais, elétricos, nervosos  
Repousam como esfinges;

Enquanto as combustões dos lívidos cometas,  
Errantes e fatais,  
Consumem lentamente as grandes borboletas  
Dos nossos ideais!



## A VALA

Trazei mortos à vala; a hidra está com fome  
E deve ser-lhe longa a hora em que não come!  
Olhai como ela mostra àqueles que a vão ver,  
Inerte, sem pudor, de fauce escancarada,  
A amargura cruel da boca desdentada  
Que pede de comer!

Lançai ao monstro informe algum repasto novo!  
Trazei-lhe carne humana; arremessai-lhe o povo,  
Transido pelo frio ou morto pelo sol!  
E visto haver na fera abismos insondáveis  
Mandai-lhe as legiões dos grandes miseráveis  
Que morrem sem lençol!

Eu quero vê-la farta, a lúgubre pantera,  
Que, na sombra agachada, olhando em roda, espera  
A presa que lhe inveja a gula dos chacais.  
Começa a ouvir-se ao longe a marcha vagarosa  
Da triste procissão cruel e dolorosa

Que vem dos hospitais.

Um velho esquife chega: em duas tábuas toscas  
Um pobre seminu coberto já de moscas,  
Num riso deixa ver não sei que tons cruéis!  
Enquanto nos sorria a luz das noites belas,  
Talvez que ele varresse a lama das vielas  
E o lixo dos bordéis!

E pôde, enfim, dormir no seio bom da morte!  
Após, como se fora a lívida consorte  
Daquele vil despojo, às mesmas horas vem,  
Trazendo por sudário os seus vestidos rotos,  
Uma triste mulher caída nos esgotos  
Sem bênçãos de ninguém!

Devora-os ambos fera! Engole-os juntamente:  
Reúne-os em consórcio e dá-os de presente  
À larva que partilha as ânsias do teu ser!  
Aguça o teu desejo! — A garra infecta lança  
Ao corpo tenro e nu duma gentil criança  
Que a mãe te vem trazer!

Redobra de apetite! Alonga-se a teu lado  
A fila tenebrosa! O espectro do soldado  
A par do que vergou cansado de cavar:  
E o mineiro sem luz, o mártir legendário;  
E amparando-se a custo ao velho proletário  
A flor do lupanar!

Mastiga a turba vil e alonga essa goela!  
Bem vês que vem chegando um corpo de donzela  
Que pela candidez recorda uma vestal!  
Voou-lhe, num sorriso, o derradeiro arranco  
E traz viçoso ainda um grande lírio branco  
No seio virginal!

O monstro sensual na sombra tripudia!  
Celebra no silêncio a tenebrosa orgia,  
Que as deusas vêm chegando ao lúbrico festim!  
Num beijo os lábios cola à frígida epiderme  
E o D. Juan da morte, o cavalheiro Verme,  
Que viva e goze enfim!

Eu quero ver-te farta, em hálitos profundos,  
Dormindo o sono vil dos animais imundos,  
De ventre para o ar, serpente infecta e má!  
E amanhã, na estação dos cândidos amores,  
Veremos rebentar num tapete de flores  
O lixo que em ti há!

E a santa mocidade; as lânguidas mulheres,  
Virão depois colher os gratos malmequeres,  
Pisando-te sem medo e cheias de desdém,  
Em danças sensuais; o fato em desalinho;  
Compondo-te canções; regando-te de vinho;  
Sem pena de ninguém!

E tu que és monstruosa, infame, vil, medonha;  
Que não mostras pudor; que não sentes vergonha;  
Que és a campa-monturo e não podes ser mais;  
Cingida enfim, também, de rosas orvalhadas,  
Terás dado um perfume às almas namoradas,  
E pasto aos animais!



## Ó VULTOS IDEAIS

Ó vultos ideais, fantásticos e belos,  
Que às vezes revoais nas salas deslumbrantes,  
Num grande mar de tule, etéreas, flutuantes,  
Aos suspiros fatais dos meigos violoncelos;

Que bom que era sonhar nos pálidos castelos,  
À noite, à beira-mar, nas solidões distantes,  
Nos tempos em que a flor dos tímidos amantes  
À lua confiava os íntimos anelos!...

Agora sois gentis, dispépticas, vistas;  
Pagais por alto preço as esquisitas rosas;  
Nos rápidos *wagons* correis o mundo em roda;

Mas prostradas do baile, amarrotando a luva,  
Enquanto cai na rua a sonolenta chuva,  
Cismais no Deus-Milhão — no Criador da moda!



### EU VEJO EM TUA BOCA

Eu vejo em tua boca as pétalas vermelhas  
Duma rosa de Logo aonde vão libar  
O mel das ilusões, quais tímidas abelhas,  
Uns velhos ideais que em vão tento expulsar.

Dizer-me podes tu de que óvulo espontâneo,  
Tocado pelo sol, em mim pôde nascer  
Este bando cruel que dentro do meu crânio  
Não faz há muito já senão roer, roer?!

Às vezes voa ao largo; às serras, às campinas;  
Remonta aos astros bons; torna a descer dos céus;  
E volta a demolir as trêmulas ruínas  
Do templo onde crepita a luz dos dias meus!

Ó grande flor suave! E nisto se resume  
A constante batalha, o sempiterno afã!  
Aspira a minha essência ao teu grato perfume;  
Soçobra o dia de hoje ao dia de amanhã!



Oh, volvamos à terra; aos plácidos lugares,  
Aonde os himeneus fecundos e reais  
Produzem, dia a dia, os fetos singulares  
E as sãs vegetações dos cândidos rosais!

E o que há de etéreo em nós, que siga as breves fases  
Dum fluido transitório, erguendo-se nos céus,  
Nas grandes expansões dos fugitivos gases  
Onde em línguas de fogo às vezes fala Deus.

Forçoso é separar os dois rivais antigos,  
Na batalha cruel que em nós se reproduz.  
Sorria o que é da terra aos vegetais amigos;  
Rebrilhe o que é do céu nas refrações da luz!



## NOS CAMPOS

A fragrância do trevo e das flores selvagens  
Da noite embalsamava as tépidas bafagens:  
Ao longe os astros bons olhavam-nos dos céus.  
O mundo era um altar; as serras grandes aras;  
E os cânticos da paz corriam nas searas  
Em honra do bom Deus.

No solene silêncio imersa ia minha alma  
Em tranquila mudez; naquela doce calma  
Que sente germinar os frescos vegetais.  
De súbito uma voz deixou-me um pouco extático:  
Detive-me um momento; olhei: — era o viático!  
De noite a horas tais,

Que andava Deus fazendo, assim, pela campina,  
Trazido pela mão dum padre sem batina  
Roubado às sensações dum longo rressonar?  
Fui seguindo o cortejo até que numa choça

O Rei dos reis entrava: o padre, com voz grossa,  
Movia-se a rezar.

Nos restos duma enxerga, ali, no vil casebre,  
Um pobre cavador, mordido pela febre,  
Torcia as grossas mãos nas ânsias do estertor;  
E os filhos seminus sentindo a pena ignota  
Tentavam-se esconder na velha saia rota  
Da mãe louca de dor!

A voz do sacerdote a custo ressoava.  
A palavra de amor que ali se precisava,  
Não posso dizer bem se acaso ele a soltou.  
Falava o Deus severo e forte dos castigos,  
Ou esse bom Jesus que aos pés dalguns mendigos  
Um dia ajoelhou?

Do padre tinham medo os trêmulos pequenos.  
Os magros cães fiéis erguendo-se dos fenos  
Latiam tristemente em volta do casal:  
E o levita lançava àquela noite escura  
A bênção derradeira, erguendo a mão segura,  
Num gesto maquinal!

Depois transpondo, à pressa, a porta da cabana,  
Saía sem deixar da sã verdade humana  
O bálsamo suave, o dom consolador!  
Oh, decerto o Jesus de que nos falam tanto  
Não era o que deixava ali, naquele canto  
Sozinha a mesma dor!

Sorria Deus, no entanto, em toda a natureza!  
Nas florestas, no vaia, nas serras, na devesa,  
Nas moitas dos rosais, no movediço mar!  
O constelado azul dir-se-ia um santuário!  
Havia aquele albergue apenas solitário,  
E frio o pobre lar!

E o rude agonizante, o triste moribundo  
Que em breve ia partir; abandonar o mundo;  
Os seus deixando sós, na terra, sem ninguém,  
Talvez ao pressentir o fim da insana lida  
Soltasse maldições, ainda, contra a vida  
E contra nós também!

E eu lembrei-me então daqueles bons valentes  
Que lutam todo o dia e vão morrer contentes  
À noite, ao pé dos seus, depondo os vãos lauréis;  
E daqueles, também, de fronte requemadas  
Que pela causa santa, em pé, nas barricadas,  
Se batem contra os reis!

Lembraram-me os heróis, serenos, bons, austeros,  
Que sagram toda a vida aos ideais severos  
Da justiça e do bem; caindo com valor,  
Sem que a destra cruel dos déspotas os dome  
Nas batalhas da ideia; oprimidos pela fome,  
Varados pela dor!

Ó pobres multidões! As grandes noites frias  
Não cessam de morder, famintas e sombrias,  
Num banquete nefando os Vossos corpos nus!  
E o lírio da justiça, a grande flor sagrada,  
Nem sempre mostra, em vós, aberta e desdobrada,  
As pétalas de luz!

Eu quando porém lanço as vistas ao futuro  
E vejo dia a dia a despontar mais puro  
O grande sol da ideia, em rúbidos clarões,  
Recordo-me que sois a produtiva leiva  
Aonde já circula uma opulenta seiva,  
De grandes criações!

---

## O ÚLTIMO D. JUAN

Daquele de quem falo, as sossegadas lousas  
Podiam-vos contar as violações brutais!  
A gula com que morde as mais sagradas coisas  
De horror faz recuar os trêmulos chacais.

Não descanta à viola, à noite, os seus enleios:  
Ele vive na sombra e eu sei também que vós,  
Gentis belezas de hoje, à astros dos Passeios,  
Lhe não lançais, a furto, a escada de retrós.

Mas sede muito embora as virgens sem desejos,  
As monjas virginais, uns pudicos dragões;  
Fechai o níveo colo aos vendavais dos beijos,  
E às noites de luar os vossos corações;

Um dia há de chegar em que ele, informe, tosco,  
Sem garbo, sem pudor, grotesco, infame, vil;  
Nas grandes solidões irá dormir convosco,  
Mordendo em cada seio o lírio mais gentil!

E o que ele adora muito ó virgens romanescas  
Não é o que abrigais de etéreo e virginal:  
Adora os corpos nus; as belas carnes frescas;  
Deixando o resto a vós danados do ideal!

Não vive como nós de cândidas mentiras:  
Não comunga do amor esse illusório pão:  
Devora com fervor as pálidas Elviras  
E em muitos seios bons dá pasto ao coração!

Tem palácios na sombra e fazem-lhe um tesouro  
Maior do que o dos reis; adora as solidões:

Não usa de espadim; não traz esporas de ouro;  
Mas vive como os reis das grandes corrupções!

Flores sentimentais! Treinei do paladino,  
Do velho D. Juan, feroz conquistador,  
A quem da vossa boca um hálito divino,  
Em vida, faz fugir talvez cheio de horror;

Mas que um dia virá, na cândida epiderme,  
Na sagrada nudez dos colos virginais,  
Em hinos de triunfo — o grande César-Verme!  
Colher o que ficou de tantos ideais!



### FORMOSURAS DO INVERNO!

Formosuras do inverno! Ao sol das duas horas  
A aérea multidão de fadas quebradiças,  
Gentis aparições dos bailes e das missas,  
Desliza no fulgor das pompas sedutoras.

No arfar da casimira há frases tentadoras  
E maciezas tais nas lânguidas peliças,  
Que as tristes comoções, decrépitas, mortiças,  
Ressurgem do letargo à pálidas senhoras!

E muitos hão de ter uns êxtases divinos  
Ouvindo soluçar, à noite, aos violinos,  
A vaga introdução duma balada aérea;

Enquanto, do futuro, ao toque da alvorada,  
Se escuta, a martelar na sua barricada,  
Sinistra, rota e fria, a lívida Miséria.



## ANTIGO TEMA

Passai larvas gentis na rua da cidade  
Aonde se atropela a turba folgazã;  
A noite é um tanto agreste e cheia de humidade  
Mas o tédio mortal precisa a claridade  
Que em vosso olhar trazeis, visões do macadam!

Estátuas sem calor! Vós sois das grandes vasas  
Dum corrompido mar as deusas menos vis!  
Se à noite abandonais, voando, as pobres casas,  
E vindes pela rua enlamear as asas,  
Quem sabe a fome oculta, as sedes que sentis!

A pálida Miséria em seu triste cortejo  
Precisa as contrações de muitos ombros nus:  
E vós ides sorrindo ao lúbrico desejo,  
Do carro da desgraça arremessando um beijo  
Que apenas é de lama em vez de ser de luz!

Embora! Caminhai deixando um grande rastro  
De estranhas emoções, de aromas sensuais:  
E ao pobre que mendiga a palidez dum astro;  
Ao que sonha visões e arcanjos de alabastro  
Fazei por despenhar nos longos tremedais!

Do velho idílio, a musa, há muito já que dorme,  
E o arroio em vão suspira e chora a nossos pés!  
A grande multidão — a vaga, a onda enorme,  
Que oscila sem cessar, e gira multiforme  
Às corridas, ao circo, ao templo e aos cafés,

Talvez ao pressentir que tudo, enfim, declina,  
Adore a imensa luz, em vós, constelações,  
Que não baixais do céu; que vindes duma esquina,  
Vagando no rumor da aérea musselina,  
Em plena bacanal fingindo de visões?

Oh, sois do nosso tempo! A lânguida existência  
De tédios se consome e sente febres más!  
Aspira ao que é bizarro: a uma esquisita essência  
Que exala aquela flor que vem na decadência  
E quando a toda a luz sucede a luz do gás!

Do século a voz rude apenas diz — trabalha!  
Ao poste vil amarra o lúbrico ideal  
Que expira, enfim, talhando a fúnebre mortalha  
Na vossa trança gasta, ó musas da canalha  
Que apenas revoais do olimpo ao hospital!



## A MÃE

Eu canto-vos, mulher, porque vos tenho visto  
Na pálpebra vermelha a lágrima de amor,  
Que vem de Eva a Maria — a doce mãe de Cristo —  
Formando a estalactite imensa duma dor!

Oh, quantas vezes já na aldeia miserável  
Nas tristezas do campo, às portas dos casais,  
Vos tenho surpreendido, em êxtase adorável,  
Enquanto os filhos nus ao peito conchegais!

A fria noite chega. Os maus, de boca cheia,  
Rebolam-se na terra: ainda pedem pão!  
Com eles repartis a vossa parca ceia;  
E vendo-os a dormir podeis sorrir então.

De inverno quase sempre as noites são mordentes.  
Uivam lobos na serra: o vento uiva também:  
Mas eles vão dormindo os longos sonos quentes,  
Enquanto a vil insônia oprime a pobre mãe!

Tendes sustos cruéis. Temendo que lhes caia  
A roupa que os abafa, aos pobres acudis;  
E aninhando-os melhor nas vossas velhas saias  
Podeis então dormir um tanto mais feliz.

Mulher quanto é suave e longo esse poema  
Quanto é preciso ó mãe, no trânsito cruel,  
Que vossa alma estremeça e o vosso peito gema  
A fim de que em vós brilhe o mais alto laurel!

Quem é que nunca viu, na rua, a cada passo,  
A pálida mulher que rompe a multidão,  
Trazendo agasalhado, um filho no regaço,  
E aos tombos, muita vez, um outro pela mão?!

Nos frios do lajedo, às vezes, pede esmola  
Às portas dos cafés: ninguém a quer ouvir:  
E a ela qualquer côdea a farta e a consola  
Contanto que sem fome os filhos vão dormir!

E enquanto à luz do gás a turba prazenteira  
No fumo dos festins revoa em turbilhão,  
Quantos dramas cruéis nas úmidas trapeiras;  
Nos campos quantas mães sem roupas e sem pão?!

E sempre a mesma lenda, a mesma história antiga:  
Do palácio à cabana o vosso doce olhar,  
Nas insônias cruéis, na fome ou na fadiga,  
Dum raio criador o berço a iluminar!

No entanto à doce mãe, se aquele amor sem termo,  
Da moda traja agora os novos ouropéis,  
E o vosso coração já gasto e um pouco enfermo,  
Sofrendo se dilui nos ideais cruéis;

Nas vagas pulsações dumas recentes ânsias,  
Se aquela santa flor das grandes comoções,



Apenas tem lugar nas vossas elegâncias,  
Como um enfeite de mimo amado nos salões;

Na corrente fatal que ao longe arrasta os povos,  
Se o vosso grande afeto intenta erguer-se mais,  
Sonhando a sagração dos heroísmos novos,  
Resplendente de luz; vistosa de metais:

Aos reflexos do gás, ó mãe, abri passagem  
Por entre a saudação das alas cortesãs,  
Levando as seduções da vossa doce imagem  
Aos delírios da noite, às ceias das manhãs!

Surgi do canto obscuro aonde o casto seio  
Palpita ingênuo e bom na paz da solidão,  
E o vosso amor levai à ópera e ao passeio  
A fim de que ele arranque um bravo à multidão!

E eu hei de rir ao ver que o peito onde um tesouro  
Maior do que nenhum podemos encontrar,  
Intenta seduzir pela medalha de ouro  
Que aos pequenos heróis os reis costumam dar!



### **ARCANJO VAI-TE EMBORA**

Arcanjo vai-te embora: é tarde: em nossas casas  
Talvez alguém se aflija; é tão deserta a rua!...  
Tu deves sentir frio! Embuça-te nas asas:  
Dá saudades à lua.

Um beijo em cada estrela!... Espera que eu sou louco!  
Sonhei devo pagar: perdão anjo dos céus!  
Agora tem cuidado; o céu escorrega um pouco:  
Boas noites adeus!

---

## SANTA SIMPLICIDADE

Na serena missão de paz que tu cumpriste  
Ó suave Jesus, ó doce galileu,  
Que santa singeleza e que perfume triste  
Do Teu casto perfil no mundo rescendeu!

Havia no Teu verbo aquela unção divina  
Que a velha harpa de Jó soltou nas solidões,  
E o belo, o puro sol da antiga Palestina  
Suave contornou, de luz, Tuas feições!

Compunham-Te o cortejo uns pobres pescadores  
Almas retas e sãs; marchavas por Teu pé,  
E sorrias falando aos rudes e aos pastores,  
Sentado nos portais da pobre Nazaré.

Da Tua Galileia os vales percorrias  
Levando um bom quinhão de afeto a cada lar,  
E o grande olhar suave e terno das judias  
Turbaste muita vez, decerto, sem pensar!

E mais simples na morte, apenas a Tua alma  
Transpunha as regiões puríssimas do sol,  
Tu que havias colhido a imorredoura palma  
Não tinhas para o corpo as galas dum lençol!

Consola-te ó Jesus! Tu deves já ter visto  
Que sobre a Terra, agora, ao Teu nome fiéis,  
Os que se dizem ser apóstolos de Cristo  
Não precisam trajar os ínfimos buréis.

Não maceram seus pés! Não vão pobres e rotos  
Envoltos na estamenha, apedrejados, sós,  
Nos desertos viver de mel e gafanhotos,

Convertendo o gentio ao som da sua voz.

Ante eles, ao contrário, alargam-se os batentes  
Dos palácios reais, nas grandes recepções,  
E formam-lhes cortejo os coches reluzentes  
Atrás dos quais se bate um trote de esquadrões!

Cobrindo-lhes, depois, de insígnias as roupetas,  
A fim de honrar melhor a primitiva fé,  
Redobram-se ainda mais as velhas etiquetas;  
Polvilham-se melhor os homens da libré!

E dão-se-lhes festins onde há grandes baixelas,  
Fatais cintilações de vinhos e rubins,  
Gargantas ideais, grandes espáduas belas,  
Lampejo de cristais, insídias de cetins!

Oh! Temo bem Jesus que tantas pedrarias  
Façam peso demais na barca do Senhor,  
Quando é certo que as mãos de Pedro um pouco frias  
Mal podem segurar o leme salvador!

Por isso quando avisto o espaço que negreja  
E o mar que se encapela, eu temo que amanhã  
Do fendido baixel da Tua velha Igreja  
Apenas reste, à proa, uma ficção pagã!



## O VELHO OLIMPO

O velho Olimpo dorme o bom sono comprido  
Que prostra o lutador no fim duma batalha,  
E os deuses doutro tempo, em lívida mortalha,  
Descansam no torpor dum mundo corrompido.

No puro céu cristão, de estrelas revestido,

No entanto há muito já que chora e que trabalha,  
Por nós o Cristo bom sem que seu Pai lhe valha,  
A fim de ver, de todo, o mundo redimido!

Justiça, traça o manto alvíssimo e estrelado  
E senta-te, mulher, no trono abandonado  
Pelos vultos gentis de tantos deuses velhos!

Depois inda maior, mais pura e mais serena,  
No sangue de Jesus molhando a tua pena  
Explica a nova lei no fim dos evangelhos!



## OS PALHAÇOS

Heróis da gargalhada, ó nobres saltimbancos,  
Eu gosto de vocês,  
Porque amo as expansões dos grandes risos francos  
E os gestos de entremez,

E prezo, sobretudo, as grandes ironias  
Das farsas joviais.  
Que em visagens cruéis, imperturbáveis, frias.  
À turba arremessais!

Alegres histriões dos circos e das praças,  
Ah, sim, gosto de vos ver  
Nas grandes contorções, a rir, a dizer graças  
De o povo enlouquecer,

Ungidos pela luta heroica, descambada,  
De giz e de carmim,  
Nas mímicas sem par, heróis da bofetada,  
Titãs do trampolim!

Correi, subi, voai num turbilhão fantástico

Por entre as saudações  
Da turba que festeja o semideus elástico  
Nas grandes ascensões,

E no curso veloz, vertiginoso, aéreo,  
Fazei por disparar  
Na face trivial do mundo egoísta e sério  
A gargalhada alvar!

Depois, mais perto ainda, a voltear no espaço,  
Pregai-lhe, se podeis,  
Um pontapé furtivo, ó lívidos palhaços,  
Luzentes como reis!

Eu rio sempre, ao ver aquela majestade,  
Os trágicos desdéns  
Com que nos divertis, cobertos de alvaiade,  
A troco duns vinténs!

Mas rio ainda mais dos histriões burgueses,  
Cobertos de ouropéis,  
Que tomam neste mundo, em longos entremezes,  
A sério os seus papéis.

São eles, almas vãs, consciências rebocadas,  
Que enfim merecem mais  
O comentário atroz das rijas gargalhadas  
Que às vezes disparais!

Portanto, é rir, é rir, hirsutos, grandes, lestos,  
Nas cômicas funções,  
Até fazer morrer, em desmanchados gestos,  
De riso as multidões!

E eu, que amo as expansões dos grandes risos francos  
E os gestos de entremez,  
Deixai-me dizer isto, ó nobres saltimbancos:

Eu gosto de vocês!



## A HIDRA

Há muito que desceu das orientais montanhas  
A hidra singular que espalha nas ardências  
Duma luta febril cintilações estranhas!

Ela galga, rugindo, às grandes eminências,  
E enquanto vai soltando o silvo pelo espaço  
Engrossa à luz do sol na seiva das consciências.

Tem rijezas sem par, como de roscas de aço  
E corre descrevendo em giros caprichosos  
Na leiva popular um indefinido traço.

Prefere aos antros vis os focos luminosos  
E em mil voltas cruéis aperta dia a dia,  
Numa longa espiral, os tronos carunchosos.

Passou pelo país da cândida Utopia:  
Nos míticos rosais viveu dum vago aroma  
Ao pálido fulgor da aurora que rompia.

Mas hoje com valor em toda a parte assoma,  
E sem temer sequer a lúgubre viseira  
Há muito que transpôs os pórticos de Roma.

E os Papas mais os reis sentindo-a na carreira  
Do seu longo triunfo, um tanto apavorados,  
Trataram de acender a lívida fogueira.

E ao galope lançando os esquadrões cerrados  
Começaram depois, na terra, a persegui-la,  
A cúmplice fatal dos lívidos Pecados!

Mas ela sem temor, nos cérberos tranquila,  
Derrama cada vez mais belos e fecundos  
Os intensos clarões da lúcida pupila,

E enquanto a imprecação de tantos moribundos,  
Os déspotas cruéis, acolhem com desdém,  
A hidra imensa — a Ideia — a farejar nos mundos  
Ainda a garra adunca afia contra alguém!



## OS NOVOS LEVIATÃS

Dos antigos Titãs, o mar — fera indomável,  
Agora verga o dorso ao peso colossal  
Dos novos leviatãs que em bando formidável,  
Nas grandes explosões da cólera insondável,  
Já levam de vencida o abismo e o vendaval!

Eles seguem no mar, altivos no seu rumo,  
Em hálitos de fogo, à nossa voz fiéis,  
E como o combatente erguendo a lança a prumo,  
Em turbilhões rompendo, as flâmulas de fumo  
Ostentam sem cessar correndo entre os parcéis!

Que sopro criador, que força onipotente  
Os fez surgir do nada, os monstros colossais?  
Os novos leviatãs provindes tão-somente  
Do fecundo himeneu, deste conúbio ardente  
Do Gênio e do Trabalho, amantes imortais!

Correis de mar em mar, altivos, triunfantes,  
Levando a toda a parte a vida, a nova luz,  
E as sereias gentis não fazem como dantes,  
Ao som da sua voz, perder os navegantes;  
O dorso dos delfins, no mar, já não reluz!

Ó alma antiga dorme inerte no regaço  
Dos velhos deuses vãos, que o homem criador  
Agora ri de ti, prostrada de cansaço,  
Enquanto vai soprando em mil gigantes de aço  
Outra alma inda mais larga — o novo Deus-Vapor!



### SUA ALTEZA REAL

Sua alteza real o pequenino infante  
Matou, dum tiro só, dois gamos na carreira:  
Um hino mais ao céu, pois era a vez primeira  
Que sua alteza vinha à diversão galante!

O vergôntea gentil! Quando um tropel distante  
De súbito acordar os ecos da clareira  
E uma presa cansada, em rolos de poeira,  
Varada, a nossos pés, cair agonizante,

Acercai-vos então da pobre fera exangue  
Que estrebucha de dor num mar de lama e sangue  
Sem que um grito de dó nos corações acorde!

No entanto não fiquéis na doce glória absorto:  
O velho javali parece às vezes morto  
Mas surge da agonia e os seus algozes morde!



### VERSOS A\*

Eu sou, mulher suave, aquele antigo louco,  
O triste sonhador que o teu olhar cantou,  
E que hoje vai sentindo, o sonho, a pouco e pouco,  
Fugir como o luar dum astro que expirou!



Que morra, porque, enfim, bem longo ele tem sido  
E tempo é já, talvez, da morte desposar  
O sonho que em minha alma entrou como um bandido  
E só da vida sai depois de me roubar!

Eu devera amarrá-lo à braga do forçado,  
Como a Justiça faz aos desprezíveis réus,  
E lançá-lo depois à vala do passado  
Aonde o fulminasse a cólera dos céus.

Mas não; quero embalar-lhe os últimos momentos  
Ao som duma canção das quadras juvenis,  
E amortilhar depois — em doces pensamentos —  
No manto da saudade, os seus restos gentis.

E quando ele seguir às regiões saudosas,  
Aonde todos nós iremos repousar,  
Ao esquife hei de atirar-lhe as derradeiras rosas  
Que dentro da minha alma houver por desfolhar!

Ninguém profanará seus restos adorados,  
Que em paz irão dormir num fundo mausoléu;  
E quando alguma vez já hirtos, regelados,  
Acordem, porventura, à luz que vem do céu;

Em vão tu baterás, ó sonho, à fria porta  
Que em breve hás de sentir fechada sobre ti,  
Porque a tua Memória, enfim, já estará morta,  
E não te escutarei... Porque também morri!



### Ó POBRES VERSOS MEUS

Ó pobres versos meus, lançai-vos pela estrada  
Agreste e pedregosa, aonde os companheiros

Da luta, encontrareis, meus ínfimos guerreiros,  
Formando os batalhões da bélica avançada!

E o traje em desalinho, a face iluminada,  
Transponde, sem demora, os fossos derradeiros  
Que separam de nós os braços justiceiros  
Da serena Verdade, a deusa idolatrada.

Vencidos no combate, ou pouco ou nada importa,  
Ao chão vergai sem pena a face semimorta,  
Mordendo, inda a lutar, o pó da enorme liça:

E tudo, enfim, esquecendo: os ódios e os desprezos;  
Que de entre vós alguns, ao menos, fiquem presos  
Como fios de luz, ao manto da Justiça!



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)